



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA E CONTROLE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 2058/13	DATA: 26/11/2013	
LOCAL: Plenário 9 das Comissões	INÍCIO: 15h00min	TÉRMINO: 17h05min	PÁGINAS: 42

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MAURO MEINBERG - Diretor de Estratégia e Melhoria dos Negócios da Unidade de Negócios Níquel, Nióbio e Fosfatos do Grupo Anglo American no Brasil. PAULO MISK - Diretor de Operações de Nióbio da Unidade de Negócios Níquel, Nióbio e Fosfatos do Grupo Anglo American no Brasil.

SUMÁRIO
Esclarecimentos acerca das atividades de exploração e exportação de nióbio no Brasil.
OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.
Houve intervenções fora do microfone. Ininteligíveis.
Houve intervenção fora do microfone. Inaudível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro, declaro abertos os trabalhos desta reunião de audiência pública, destinada a esclarecimentos acerca da exploração e exportação de nióbio do Brasil, objeto do Requerimento nº 522, de 2013, da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle, de autoria do Deputado Edio Lopes.

Convido para tomar assento à Mesa o Sr. Mauro Meinberg, Diretor da Anglo American, e o Sr. Paulo Misk, Diretor de Operações da Anglo American.

Gostaria de agradecer, em nome de todos os membros desta Comissão, a presença dos senhores, que prontamente receberam a aceitaram o convite para comparecer e prestar os esclarecimentos necessários nesta reunião.

Antes de dar continuidade à presente reunião, quero dizer que, em razão da ausência do Deputado Edinho Bez, assumi, na condição de Vice-Presidente, a direção dos trabalhos. Mas peço escusas a todos, em nome do Presidente, pela impossibilidade de comparecimento de S.Exa. a esta audiência.

Antes, ainda, de darmos início às exposições, quero fazer os seguintes esclarecimentos: de acordo com o Regimento Interno desta Casa, art. 256, o tempo reservado para cada convidado é de 20 minutos, prorrogáveis, não podendo ser aparteado. Cada Deputado inscrito para interpelações poderá fazê-lo por 3 minutos. O convidado terá tempo igual para responder, facultadas a réplica e a tréplica, pelo mesmo prazo.

Para darmos início à nossa audiência, passo a palavra ao Sr. Mauro Meinberg, Diretor da Anglo American.

O SR. MAURO MEINBERG - Boa tarde a todos.

Em primeiro lugar, gostaria de cumprimentar o Vice-Presidente desta Comissão que ora preside a Mesa, o Deputado Alexandre Santos, e lamentar a ausência de S.Exa. o Deputado Edinho Bez.

Cumprimento os demais Deputados membros da Comissão e presentes. Cumprimento, em especial, o Deputado Edio Lopes, requerente desta audiência pública, o Deputado Carlos Brandão e as demais autoridades.

Gostaria de pedir desculpas, também, pela ausência do Presidente da Unidade de Nióbio e Fosfatos do Grupo Anglo American no Brasil, Rubens Fernandes, que infelizmente tinha outras atribuições neste momento e não pôde se



fazer presente. Mas, em um futuro próximo, pretendemos tê-lo aqui também, para conversar com a Casa.

Gostaria de agradecer a oportunidade de estar neste debate sobre a indústria da mineração, em especial sobre a indústria da mineração do nióbio. Agradeço o convite para discutir este tema em audiência pública.

Essa indústria, para nós, é muito importante, como *players* e participantes da indústria de mineração no mundo e no Brasil.

Gostaria de dizer que é o momento ideal de abirmos este diálogo. E acho que a Câmara dos Deputados, nesta Comissão, é o ambiente ideal para falarmos sobre alguns itens e, especialmente, esclarecer como é a indústria do nióbio e como a Anglo American atua no Brasil.

É sempre o nosso objetivo, em todas as jurisdições onde a Anglo American atua, termos um diálogo aberto com as comunidades, com todos os participantes do mercado, com os governos e assim por diante.

Gostaria, também, de esclarecer que eu e o Paulo Misk somos Diretores da Anglo American Nióbio do Brasil, uma das unidades da Anglo American no País.

Gostaria, ainda, de dizer que podemos esclarecer dúvidas ou qualquer comentário sobre a unidade de negócios da Anglo American Nióbio do Brasil ou até sobre a Anglo American Fosfatos do Brasil. Mas não podemos falar muito sobre outras unidades das quais não somos Diretores ou representantes.

Cumprimento também o secretário da Comissão, o Sr. Luiz Paulo Pieri.

Farei uma pequena apresentação para falar um pouco sobre o que é a Anglo American no Brasil.

Essa curta apresentação que vamos fazer esta tarde fala um pouco sobre a atuação da empresa no Brasil, sobre o mercado de nióbio e, daí, entraremos em detalhes sobre as operações de nióbio da Anglo American no Brasil.

(Segue-se exibição de imagens.)

A Anglo American, como alguns dos senhores já conhecem, é uma empresa global. A gente opera no Brasil há 40 anos. Somos, dentro no Brasil, pessoas jurídicas estabelecidas, operando dentro das leis brasileiras, com executivos nomeados localmente. Todos esses executivos, ou a grande maioria, são brasileiros natos.



Nós atuamos em 18 países. O escritório central do grupo situa-se em Londres. Empregamos mais de 100 mil pessoas em todo o mundo, principalmente na América do Sul, como os senhores podem ver, na Austrália e na África do Sul.

Temos negócios na área de minério de ferro, manganês, carvão, cobre, níquel, platina, diamante, além de nióbio e fosfato.

No Brasil, a gente tem um projeto de longo prazo. Atuamos no País, como mencionei, há 40 anos, completados este ano. Geramos cerca de 24 mil empregos diretos e indiretos nas diversas frentes de trabalho que temos no País.

Já investimos, desde 2007, cerca de 15 bilhões de dólares em 4 principais negócios: minério de ferro, no Projeto Minas-Rio, no Estado de Minas Gerais; níquel, no Estado de Goiás, em Barro Alto e em Niquelândia; fosfato, nas unidades que estão em operação em Cubatão, Catalão e Ouvidor, com escritório central em São Paulo; e nióbio, a operação que é do interesse dos senhores, nos Municípios de Catalão e Ouvidor, em Goiás.

Sobre o nióbio. O nióbio é conhecido como matéria-prima para fabricação de ligas de aço de alta resistência. É um elemento químico que, se usado em sua forma de ferro-liga, traz características especiais aos aços. Basicamente, os aços tornam-se mais leves e mais resistentes, bastando uma pequena adição de nióbio.

A gente sempre faz uma comparação: um dólar de nióbio utilizado na produção de aço pode gerar até 9 dólares de economia no custo de produção. Ou seja, você precisa de menos minério para obter o mesmo resultado.

E é por isso que também se fala do nióbio como metal verde, um metal que, através da sua característica de tornar os aços mais leves, acaba por gerar uma série de economias subsequentes. Há a própria economia do uso do aço em si e, daí em diante, com todos os efeitos na cadeia, em tudo o que é produzido com aço. Então, pode-se fazer pontes mais longas, com maior resistência; pode-se produzir veículos mais leves, que consumam menos energia, e assim por diante.

Aqui comentamos que se pode reduzir em até 30% os impactos ambientais da indústria do aço e seus subprodutos.

A ideia desse eslaide é comentarmos um pouco sobre a utilização do nióbio no mundo. Cerca de 34% do nióbio produzido é utilizado na indústria da construção, justamente para criar aços mais leves para construções específicas. O exemplo são



as grandes obras de infraestrutura, quando se constroem pontes e edifícios, nos quais se utiliza o aço com o nióbio. O grande consumo é na China, principalmente.

Vamos observar no eslaide subsequente que se tem um consumo muito grande na Ásia, em função do crescimento econômico e do grande investimento em infraestrutura que se fez naquela região.

Outro grande consumidor é o setor automotivo. Volto à questão dos aços mais leves, veículos mais eficientes e redução de emissão de óxido de carbono.

Na indústria de óleo e gás ele é muito crítico e tem sido muito importante para se forjarem tubulações de alta resistência. Esse uso é principalmente para a indústria de óleo e gás, mas também tem aplicações para outras indústrias.

Alguma utilização é feita na área de aços inoxidáveis também, que conta com cerca de 9% do mercado.

E se tem aí um uso em indústrias químicas e outros usos que representam cerca de 5% do mercado de nióbio produzido mundialmente.

Aqui a gente mostra que esse é um mercado que tem crescido substancialmente ao longo dos últimos anos. Vale lembrar que o nióbio foi descoberto e começou a ser explorado a partir da década de 70. Então, houve um período de grande esforço e investimento de empresas neste País para desenvolver o mercado de nióbio, pois não havia uma aplicabilidade conhecida quando inicialmente descoberto. E, a partir de 2007, vemos um aquecimento muito grande, que se reflete na demanda atual e futura por esse produto no mundo.

Aqui comentamos um pouco sobre onde é consumido o minério. Ele está muito ligado à grande produção siderúrgica, à exceção, talvez, da China, onde a relação entre consumo de nióbio e produção de minério de ferro ainda não é proporcional. O que quero dizer com isso? Na verdade, a China ainda é conhecida por uma produção de aços de menor valor agregado. Então, o consumo de nióbio não é proporcional à sua produção de aços. É diferente de países da Europa e dos Estados Unidos, onde o consumo de nióbio é até superior à produção de aço.

No Brasil, o consumo de nióbio é também acima da nossa produção siderúrgica, em proporção. Isso também mostra um pouco do avanço da nossa indústria siderúrgica.



As exportações de ferro-nióbio do Brasil concentram-se, principalmente, como mencionei, na China e na Ásia, de maneira geral, Estados Unidos, União Europeia e Japão, refletindo exatamente onde grande parte da produção siderúrgica ocorre no mundo.

Vou passar a palavra ao Paulo, para que ele fale um pouco sobre o nióbio e onde ele se encontra no mundo.

O SR. PAULO MISK - Obrigado, Mauro.

Eu queria agradecer a oportunidade de participar desta audiência, poder esclarecer as dúvidas e contribuir com o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Um momento, por favor. Para efeito de identificação, agora fará sua exposição o Sr. Paulo Misk, Diretor de Operações da Anglo American.

O SR. PAULO MISK - Obrigado, Deputado.

(Segue-se exibição de imagens.)

Bom, o nióbio não é uma exclusividade do Brasil. Quer dizer, vários países têm reservas de nióbio, têm ocorrência de nióbio. É verdade que o Brasil tem a maior reserva conhecida — e aí méritos para a indústria nacional, que soube desenvolver não só o conhecimento da geologia, como também a sua aplicação. Como não é um metal que está presente nos países desenvolvidos do hemisfério norte, coube ao Brasil a tarefa de desenvolver a aplicação para o nióbio.

Então, temos na África várias ocorrências, assim como na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos, na Rússia — embora não esteja indicado aqui. Este documento é do final da década de 80.

Quando a gente olha as principais operações de nióbio hoje em dia, verificamos que temos basicamente duas operações no Brasil: a da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração — CBMM, a maior delas, com mais de 80% de participação no mercado mundial; e a da Anglo American, em Catalão, que tem por volta de 7%. E há uma operação no Canadá chamada Niobec, que responde por volta de 8%, e outras produções de nióbio, principalmente como subproduto.

No Brasil mesmo temos a Mineração Taboca, no Amazonas, que produz uma liga de ferro-tântalo-nióbio. Há também uma operação menor em Nazareno, Minas



Gerais, que produz como subproduto o nióbio, pois a produção principal lá é tântalo, um pouco de cassiterita e um pouco de lítio.

Então, as três grandes produtoras de nióbio são essas que citei. Mas existem vários outros projetos no mundo, pelo menos três na África. Eu destacaria um projeto da Eramet no Gabão; o projeto da Kanyika, da Globe Metals, no Malawi; e um projeto no Quênia. Esses três projetos já estão numa fase de implantação de planta piloto ou de estudo de pré-viabilidade de sua unidade industrial. Algumas literaturas apontam 2015 como marco do início das operações desses projetos. Então, é uma realidade que vai haver outras unidades produtoras de nióbio no mundo.

Existe uma reserva na Austrália, o Projeto Mount Weld, da Lynas Corporation, cujo teor de certa forma tem uma atratividade maior do que os outros na África. Existe um projeto no Canadá, o Projeto Aley — Taseko Mines, e o Projeto Elk Creek, nos Estados Unidos. Não está anotado aqui, mas há também uma atividade prestes a entrar em operação na Rússia. Então, o nióbio tem sido um metal cuja produção as empresas têm procurado desenvolver, certamente, pela característica de o mercado ser constante e de ser um metal realmente valorizado.

Cabe ressaltar que o Brasil tem reservas de 842 milhões de toneladas. A Anglo American possui não mais do que 4% das reservas brasileiras, não obstante procure otimizar o melhor aproveitamento dessas reservas.

Gostaria de falar um pouco mais sobre o que a gente faz e como a gente faz.

Nós temos três unidades de produção: a Mina de Boa Vista, que está hoje em operação e se situa em Catalão; a planta de beneficiamento de Boa Vista, que fica no Município de Ouvidor, um Município vizinho — estou falando do sul de Goiás —; e a Planta de Tailing, que nada mais faz do que o reprocessamento do rejeito do fosfato. Temos também uma unidade de fosfato na região, e a gente aproveita um pouco do nióbio que há nesse rejeito. É uma forma de a gente desenvolver uma produção sustentável, minimizando os impactos ambientais que adicionalmente seriam necessários para atingir essa produção. Mais ou menos um terço de nossa produção vem dessa planta.

A produção se iniciou em 1976, nas Minas 1 e 2. Essas minas hoje estão praticamente exauridas. E, desde 2000, a gente opera na Mina Boa Vista.



Nós temos por volta de 420 funcionários contratados, mais ou menos a mesma quantidade de terceirizados. Hoje temos um projeto de expansão que se chama Rocha Fresca, em que estão sendo empregados mais de 1.100 funcionários. Na hora em que esse projeto estiver em funcionamento, nós vamos agregar mais 200 postos de trabalho em nossa operação.

Em termos de vida útil dentro das reservas que hoje são conhecidas, nós temos no Projeto Rocha Fresca 20 anos de operação, considerando 6,5 mil toneladas por ano de produção, e temos recurso potencial em que a gente continua fazendo investimento em pesquisa para mais 20 anos.

A produção de 2012 foi de 4.440 toneladas de nióbio. A gente recolhe em impostos 0,7% da arrecadação total de Catalão, quase 3% de arrecadação total de Ouvidor. A gente procura incentivar as compras locais, de forma a desenvolver as comunidades que estão próximas às nossas operações. Mais de 17% das compras são feitas localmente. E, em 2012, pagamos por volta de 7,4 milhões de reais em tributos.

A produção de ferro-nióbio tem basicamente quatro etapas. A primeira etapa é a mineração, na qual são feitas todas as operações de decapeamento e lavra do minério. O minério de nióbio vai para a planta de concentração. Vou detalhar um pouco mais à frente. Depois nós temos uma lixiviação com ácido e base, ácido clorídrico e soda cáustica. Depois, uma calcinação e, por fim, a gente tem a etapa de metalurgia. Quer dizer, é uma produção verticalizada. A gente procura agregar valor, porque a etapa seguinte já é siderurgia, é outro negócio. A gente procura estender as nossas atividades até o máximo que a mineração permite.

O primeiro quadro mostra bem as escavadeiras e os caminhões fazendo o trabalho de lavra. Esse minério, dadas às características que tem de seletividade, é colocado em pilhas. Depois ele vai para uma unidade de britagem. Aqui já é em Ouvidor. Tem uma separação magnética do material mais grosseiro. O material todo é colocado em pilhas de homogeneização. A partir daí é feita uma moagem. Depois da moagem, temos uma série de circuitos de flotação para preparar o minério para ser concentrado numa célula de flotação também, para concentrar o nióbio. Exemplo de uma célula em flotação é exatamente essa aqui, em que você tem uma espuma contendo nióbio, que o separa do restante do material.



Depois do concentrado de nióbio, a gente faz uma lixiviação com ácido clorídrico, depois soda cáustica. Aí tem um ataque químico, retira-se o excesso de fósforo. Aí a gente tem a calcinação nesse forno que está aqui. Depois dessa etapa vem a etapa de metalurgia, onde se adiciona o concentrado de nióbio, o óxido de ferro e o pó de alumínio para gerar energia a necessária para o processo de reação. O que a gente produz é metal. Ele é quebrado, e o material é britado para ser adicionado na indústria siderúrgica.

Aqui nada mais é do que uma britagem e adequação para embalagem. A gente pode exportar através de *big bags* ou de latas. Isso a gente exporta diretamente para o consumidor final, que são as siderúrgicas do mundo inteiro.

É importante deixar claro que a gente procura agregar valor. Então, a gente vai até a etapa de metalurgia.

Este eslaide mostra a evolução do preço do nióbio sob a forma de ferro-nióbio desde 1998. Então, nós tivemos uma época do preço praticamente estabilizado, até 2006. Em 2006, a gente, aproveitando uma alta das *commodities*, percebe uma curva parecida com o minério de ferro, com cobre. Isso coincide, claro, com maior desenvolvimento, maior uso dos metais básicos na China. Então, houve a oportunidade de a gente aumentar o preço. O trabalho que foi feito anteriormente, de desenvolvimento de aplicações, de convencimento das indústrias de utilizarem nióbio, porque antes as indústrias usavam o vanádio, o molibdênio, o tântalo, que também pode ser um metal substituto, mas ele é mais caro. Na prática não é usado, mas ele tem as características necessárias para isso. Então, todo o trabalho permitiu um maior consumo. Em consequência do maior consumo, o preço aumentou.

A gente percebe, nos últimos 2, 3 anos, certa estabilização. Esperamos que essa curva possa ser ascendente novamente em função do aumento de demanda, como o Sr. Mauro mostrou.

Se fizermos um comparativo com o preço do vanádio desde 2003, veremos que o preço do nióbio está o dobro do preço vanádio, relativamente. Se pegarmos os dois elementos na base 100, em 2003, veremos que o nosso preço praticamente triplicou e o preço do vanádio subiu só 60%. Isso mostra uma variação completamente diferente e serve de alerta em termos de limite de preços.



Bom, a imagem mostra a evolução da produção do ferro-nióbio na Anglo American. Tínhamos uma produção de um pouco mais de duas mil toneladas. Vínhamos aumentando nossa produção até 2009. Depois tivemos, em 2010 e 2011, uma redução na produção, coisa de 14%, já em função da característica do nosso depósito.

Produzimos atualmente o nióbio em minério oxidado, um material terroso. Essa reserva tem vida útil pequena. A expectativa é que até meados de 2015 ela fique exaurida. Contudo, temos interesse em continuar no mercado, interesse em desenvolver nosso negócio. Foi feito um trabalho muito grande em desenvolvimento de tecnologias e pesquisas geológicas, de forma que viabilizamos a lavra da rocha fresca. Então, toda a produção de 2014 para frente vai ser através de uma rocha fresca, a rocha *in natura*, vamos dizer assim, que tem características diferentes e na qual precisava ser feito esse trabalho.

Esta imagem mostra a história que eu contei. A parte do oxidado terminará em 2015, e a produção da planta de rejeito de fosfato vai-se manter constante ao longo do tempo. Hoje estamos investindo cerca de 680 milhões de reais para implementação de uma nova planta para processar essa material rocha fresca.

Nós vamos com isso agregar mais 5,2 mil toneladas de nióbio, chegando ao patamar de 6,5 toneladas. Temos outros projetos que estão em desenvolvimento, em estudo. Como eles não estão aprovados, a gente não divulga, mas existem estudos para aumentar mais a produção.

Como resultado desse trabalho — e isso é o que gostamos de mostrar —, o principal produto do nosso trabalho são as pessoas que estão envolvidas com os trabalhos que fazem, pessoas competentes. Temos uma equipe extremamente comprometida, voltada para o desenvolvimento da nossa região. Nos últimos 2 anos, aumentamos a produção em 15%, reduzimos o custo, a margem bruta antes era por volta de 40% e hoje está quase 50%, mostrando uma eficiência na nossa operação.

Temos projetos de expansão como forma de agregar valor. Estamos passando de 4 mil para 6.400 toneladas pelo projeto BVFR. Temos projetos em estudo para chegar a 10.500 toneladas em 2015. Quer dizer, num prazo bastante curto.



O nióbio é um mercado de relevância, tem uma estabilidade de preços, de consumo de maneira bastante interessante.

A gente gostaria de destacar que a Anglo American possui padrões rigorosos de segurança, de proteção ao meio ambiente e no próprio desenvolvimento das suas operações. Então, todas as emissões, seja de água, seja de gás, seja de resíduos sólidos, estão de acordo com a legislação brasileira, seguem padrões internacionais, todas as unidades estão devidamente licenciadas, têm todas as aprovações dos órgãos pertinentes. Fazemos monitoramentos constantemente. Somos certificados pela ISO 900, desde 1994; pela 14001, que é parte ambiental, desde 2001; e pela Certificação OHSAS 18000, que se refere à saúde e à segurança, desde 2003.

Na mesma linha de raciocínio, só para esclarecer, porque isso nem precisaria ser citado, a jazida pertence à União, temos a concessão para a lavra. Ela é fiscalizada regularmente pelo DNPM, para quem enviamos também todas as informações por meio do RAL — Relatório Anual de Lavra. Todas as licenças e autorizações ambientais também estão regulares, assim como todos os pagamentos de impostos. Toda a exportação que fazemos, por meio do Porto de Santos, passa pela aduana, tem a fiscalização da Receita Federal. Isso nada mais é do que o normal.

A gestão ambiental que fazemos tem destaque. Eu poderia dizer que, em termos de emissão de gases, fazemos monitoramento 24 horas do SO₂, principalmente na operação de fosfato.

Em relação à operação da água, a nossa operação de nióbio não descarta nenhuma gota no meio ambiente. Toda água utilizada vai para bacias, que são revestidas, e retornam para a nossa operação. Temos uma preocupação que chega a ser exagerada para não causar impacto ao meio ambiente.

Procuramos tratar os rejeitos e resíduos de maneira a agregar o maior valor possível. O negócio do fosfato, por exemplo, gera gesso, que é comercializado e usado na agricultura também. O ácido sulfúrico e flúor-silício também vendemos no mercado.

Do ponto de vista de energia, usamos o eucalipto como fonte de energia. Temos 3 mil hectares plantados na região de Ouvidor e de Catalão. Produzimos 10



mil quilowatt-hora, que corresponde a 40% da energia necessária para as nossas operações.

Poderíamos destacar também o desenvolvimento tecnológico que temos conquistado não só para a rocha fresca, mas também no reprocessamento do rejeito de fosfato. Na geometalurgia, que é um conhecimento mais aprofundado dos minerais presentes, da melhor forma de aproveitá-los, a geotecnia como forma de garantir a segurança das nossas operações, temos investimentos em peneiras de alta frequência, avaliação socioeconômica do CIT, ferramenta fantástica para mapear os nossos vizinhos, as comunidades às quais pertencemos, para ver como está a recepção e a percepção dos impactos para a comunidade. Isso serve para nortear as nossas ações.

Temos um plano de melhoria na área de segurança, o qual levamos muito a sério. Só para ter uma ideia, nós hoje, dentre todas as operações da Anglo American, estamos entre as cinco melhores empresas. Isso não é pouca coisa. O grupo realmente tem destaque nessa área.

Temos um mapeamento de todas as partes interessadas, como forma de atender bem e de mapear esses contatos.

Temos o Projeto Gestão à Vista, que destacamos, porque dá valor ao funcionário, agrega valor a quem está produzindo. Acreditamos que só dessa forma vamos conseguir uma operação boa. E a operação tem de ser boa para as pessoas. As pessoas têm de se sentir valorizadas nesse processo.

Como forma também de causarmos efeito positivo nas comunidades em que atuamos, temos diversos projetos e programas de ajuda à comunidade, projetos sociais voltados para a educação, esporte e cultura, se possível envolvendo as crianças, porque a gente acredita que é a forma de tornar sustentável a comunidade em que vivemos. Nós temos que fazer as pessoas crescerem num ambiente saudável.

Temos alguns projetos ligados aos Municípios. Inclusive a gente tem procurado desenvolver os Municípios e ajudar as associações que estão próximas da gente a desenvolver os projetos para que eles tenham incentivos fiscais, se possível, porque é uma forma de perpetuar esses programas. São cerca de 5



milhões de investimentos incentivados com recursos próprios que conseguimos nos últimos anos.

Para finalizar, não poderíamos deixar de falar dos nossos valores. Isso não é um negócio que fica pregado nas paredes, mas a gente pratica, junto a nossa comunidade, junto ao nosso pessoal, a preocupação e o respeito; a segurança, em primeiro lugar, o tempo todo; a responsabilidade; a integridade; a colaboração entre as pessoas; e a inovação. É isso que nos norteia e é assim que temos trabalhado.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Obrigado, Dr. Paulo Misk.

Passemos agora ao debate.

Passo a palavra ao Deputado Edio Lopes, autor do Requerimento nº 522, de 2013. V.Exa. dispõe de 10 minutos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sr. Presidente, Deputado Alexandre, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Representantes da Anglo American que aqui estão presentes, especialmente o Dr. Paulo e o Dr. Mauro, o que nos motivou o pedido a esta Comissão para esta audiência pública foi o fato de que há muito há questionamentos sobre a política de produção e exportação do nióbio no Brasil.

A título de preâmbulo, nós sabemos que a exploração e a comercialização do nióbio são de exclusividade de duas grandes empresas no Brasil, das quais a Anglo American é uma. Isso tem trazido especulações que cremos não verdadeiras na totalidade, mas nós somos crentes de que há algo a se explicar nessa questão.

Os comentários da Anglo American aqui não diferem muito do que a CBMM expôs nesta Comissão ou na Comissão que está analisando o marco regulatório de mineração há poucos dias. Parece um discurso meio ensaiado.

Quando a Anglo American e a CBMM dizem que o nióbio não é exclusividade brasileira, nós sabemos, mas nós também sabemos, Dr. Paulo, que o teor de nióbio dessas minas existentes em outros países, sobretudo da África e da Rússia, é infinitamente inferior ao nosso. Portanto, em termos comparativos, não há muito o que comparar nessa questão.



Quanto ao percentual do possível mercado futuro de nióbio desses países, aí incluindo a Austrália, o Canadá, os Estados Unidos, a Rússia e a África, ainda assim é uma fatia quase insignificante perto do percentual potencial brasileiro.

Então, essa discussão de que o preço do nióbio, se apertado, levará outros países à exploração do nióbio não nos parece um argumento que justifique a atual situação, porque os senhores operam num mercado sem concorrentes, absolutamente sem concorrentes.

Em relação aos substitutos do nióbio, nós sabemos quais são as vantagens do tântalo, quais são as vantagens do vanádio e quais são as desvantagens desses minerais, que possivelmente poderiam concorrer — ou concorrem — com o nióbio. Portanto, também o senhor sabe, tanto quanto eu, que esse não seria um argumento dos mais contundentes nessa questão, mas eu quero, de forma pontual — e eu não sei se o Presidente concordaria comigo —, fazer a pergunta no sistema que nós chamamos usualmente de pingue-pongue, porque, às vezes, uma resposta me levará à mudança de uma eventual pergunta, ou nós seguiríamos o padrão mais comum nesta Casa de se fazer o elenco de perguntas e se aguardar a resposta *a posteriori*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Deputado Edio Lopes, eu perguntaria aos outros Deputados... *(Pausa.)*

Então, eu solicitaria aos nossos convidados que, na medida em que pudessem, respondessem aos seus questionamentos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Para que nós tenhamos compreensão da importância do nióbio na indústria de metalurgia no momento, algumas coisas são importantes.

O senhor, ainda há pouco, passou um eslaide ali. Eu não tive tempo de acompanhar tudo, mas o senhor passou um eslaide dizendo que 0,05% de nióbio na mistura com ferro implicaria uma economia de 9%. Foi isso que eu entendi.

A pergunta é: qual é o percentual de resistência que o ferro adquire nessa mistura? Desculpe-me por não ter conhecimento técnico na elaboração da pergunta, mas o raciocínio é o seguinte: uma barra de ferro com 10 quilos suporta uma pressão, digamos, de 1 tonelada; com a mistura tradicional, quanto essa barra de



ferro pode ser diminuída — desses 10 quilos — para sustentar a mesma pressão? Essa é uma pergunta, entendendo a importância do nióbio nessa mistura.

A outra pergunta é quanto à resistência ao calor. Nós sabemos que um dos fatores de importância do nióbio é que ele, ao ser misturado ao ferro, implica que esse material tenha maior resistência ao calor. Então, quero saber o percentual disso.

Não sei se o senhor está entendendo ou se eu estou fazendo perguntas descabidas.

Quero saber também o percentual que ganha o ferro nessa mistura de resistência à oxidação e à corrosão, que são outros fatores importantes nessa mistura. Isso para que nós tenhamos, Presidente, de início, uma visão da importância do nióbio na indústria moderna.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Com a palavra o Dr. Paulo Misk.

O SR. PAULO MISK - Eu queria agradecer ao Sr. Deputado as perguntas.

Essas perguntas que o senhor fez é o que a gente tem dito para os nossos clientes sobre as vantagens do nióbio. Então, ficamos muito satisfeitos. Esse é um motivo de orgulho porque o nióbio, em pequenas quantidades — estava ali 0,05% —, em 1 tonelada de aço — é lógico que varia, dependendo do restante das características —, pode aumentar a resistência em até 30%. Isso significa que essa barra de aço que o senhor comentou, em vez de com 10 quilos, pode ser feita com 7 quilos.

Em relação ao comportamento do nióbio em aços que são microligados com o nióbio, eles têm um comportamento, em altas temperaturas e em baixas temperaturas, vamos dizer, melhor do que se não tivessem o nióbio. Por isso ele é usado em oleodutos ou gasodutos, inclusive em perfuração de petróleo.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Eu vou ser mais objetivo. Nós sabemos que o ferro vai à fusão a 1.535 graus centígrados. Correto? Nessa mistura tradicional, a quanto ele iria à fusão?

O SR. PAULO MISK - Eu não vou ter essa resposta aqui na ponta da língua. Eu trabalho produzindo nióbio, eu não trabalho com a produção de aços



microligados com nióbio. Mas certamente tem um ponto de fusão acima, caso não tivesse o nióbio. Eu não tenho essa informação.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Eu perguntei também com relação à corrosão. Qual seria a proporção de ganho dessa mistura no mesmo ambiente de corrosão?

O SR. PAULO MISK - Bem, eu tenho conhecimento de que o nióbio melhora as características do aço, inclusive contra a corrosão. Os aços inoxidáveis normalmente têm níquel, cromo, que é a característica da composição básica de um aço inoxidável. Com a adição de nióbio, ele adquire propriedades diferentes — a resistência à corrosão é uma delas. Eu não consigo precisar exatamente qual é o benefício. Eu produzo uma liga de ferro-nióbio que é adicionada na indústria siderúrgica, mas certamente agrega valor.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - A leveza está relacionada com a resistência. É essa a relação? Quando se diz que, ao se misturar o nióbio ao ferro, ao aço, se ganha em leveza, a afirmação está baseada em que nós estamos usando menos aço para a mesma pressão ou para a mesma resistência. Por isso, o termo que se ganha é leveza. É isso?

O SR. PAULO MISK - É, a leveza não é especificamente do aço, mas da estrutura que vai ser construída ou da estrutura dos veículos, dos equipamentos de transporte, que podem ser mais leves. O aço provavelmente fica com um peso muito parecido, mas você pode usar menos quantidade de aço, porque ele está mais resistente. É aí que reside o ganho e é por essa razão que a gente diz que é um metal verde.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Então, nós temos aqui reconhecido pelos senhores que o uso do nióbio ganha resistência ao calor, dá mais leveza e resistência à corrosão. Diante dessas características que o nióbio produz, não seria demais afirmar que é impossível se imaginar a indústria de metalurgia no mundo, a indústria moderna, hoje, ser o nióbio? Está certa ou errada essa afirmação?

O SR. PAULO MISK - Eu espero que V.Exa. esteja certo.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Como?

O SR. PAULO MISK - Eu espero que V.Exa. esteja certo.



O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Eu estou perguntando isso porque sou leigo no assunto. Eu estou perguntando para o senhor, que trabalha nas duas pontas da situação: o senhor trabalha na produção, na industrialização e na comercialização. Portanto, o senhor tem a resposta para mim. O senhor trabalha na última fase, que é a comercialização. A pergunta é: com essas características de ganho que o nióbio traduz para a indústria metalúrgica, hoje seria possível pensar na não existência ou não mais a inclusão do nióbio nessa indústria no mundo? Veja que eu estou falando de indústria moderna.

O SR. MAURO MEINBERG - Sr. Deputado, eu acho que a gente tem que considerar para esta equação a existência de substitutos. Na ausência de substitutos, a afirmação do senhor poderia ser verdadeira. Existem substitutos no mercado. O próprio minério de ferro é substituto para o nióbio, no sentido de que se pode colocar mais minério de ferro para obter o mesmo produto siderúrgico.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sim, mas eu estou falando no padrão atual. Se nós formos entrar no debate dos substitutos do nióbio, nós vamos pegar outra vertente, e eu não quero entrar nessa seara. Nós não vamos entrar aqui na questão do vanádio, na questão do tântalo. Nós não vamos entrar em outras questões, senão nós vamos enveredar para outro mercado que não é o de vocês. O mercado de vocês é o do nióbio. O negócio de vocês, no Brasil, é o nióbio. Então, nós vamos tratar do nióbio.

Eu considero a pergunta respondida.

Os senhores, obviamente, trabalham em todas as fases da produção, da exploração, da transformação e da comercialização. Dessa forma, eu faço uma pergunta: quando o senhor diz que a Rússia está projetando a exploração de uma mina de nióbio no Quênia e em outras regiões, com a experiência que os senhores têm, em quanto tempo um país desse levaria para completar o ciclo? Digamos que comessem hoje.

O SR. MAURO MEINBERG - Deputado, pela literatura, pelas informações que, às vezes, são divulgadas em Congressos, a gente fica sabendo em que estágio os projetos estão. Mas eu não tenho conhecimento detalhado desses projetos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Mas se a Anglo American fosse começar o projeto que tem hoje em Catalão, quanto tempo o senhor acha que a empresa



demoraria para chegar à fase que os senhores estão ou em uma fase de produção plena?

O SR. MAURO MEINBERG - Se for a partir do zero, vai demorar pelo menos 7 anos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Pelo menos 7 anos, mas há quem fale em 15. Estão exagerando?

O SR. MAURO MEINBERG - Dependendo de cada situação é possível que seja.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Pode chegar a 15 anos?

O SR. MAURO MEINBERG - Depende da capacidade tecnológica.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Pelo que vi, a Anglo American exporta 100% do que produz. Ela não vende ao mercado interno, isto é verdade?

O SR. PAULO MISK - Deputado, este ano nós também passamos a vender no mercado brasileiro.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Quando?

O SR. PAULO MISK - Este ano.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Em 2013?

O SR. PAULO MISK - Em 2013.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Então, a minha informação está um pouco ultrapassada.

O SR. PAULO MISK - As informações públicas mostram somente 2012, provavelmente.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - A Anglo American, a exemplo da CBMM, não vende a terceiros, só vende à indústria?

O SR. PAULO MISK - Para terceiros?

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Terceiros. É o seguinte: eu sou uma empresa que negocia minério. Não faço produção e não faço uso final do produto, sou um intermediário — isso no mercado interno.

O SR. PAULO MISK - No mercado interno, nós vendemos somente aos clientes finais, aos consumidores de ferro finais.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Por que a Anglo American não faz esse tipo de negócio aqui dentro do Brasil? Por que os senhores não vendem, primeiro,



no mercado interno, para a indústria final — os senhores começaram em 2013 —, e por que a Anglo American não vende a um terceiro, que queira renegociar esse produto dos senhores?

O SR. PAULO MISK - Nós venderíamos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - A informação que temos é de que não é assim, por mais que insistam.

O SR. PAULO MISK - Não há nenhuma restrição da Anglo American para vender ferro-nióbio a outros participantes que não sejam consumidores finais.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Se o Brasil determinasse hoje o fechamento das exportações do nióbio, o que aconteceria na indústria lá fora?

O SR. PAULO MISK - Deputado, não posso dizer sobre o que aconteceria na indústria lá fora. Isso vai ter um efeito imediato sobre a demanda pela nossa produção de nióbio local, que é menor do que a produção...

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - A produção lá fora é insignificante, o senhor sabe que é. A produção do Canadá e de outros países não daria para suprir o mercado nem de longe, perto do que os senhores produzem.

O SR. PAULO MISK - Você vai ter escassez de produto fora do país.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sr. Presidente, não sei como está o meu tempo, mas vamos tratar de uma questão crucial para esse debate, que é o preço do nióbio. Quem produz e vende com exclusividade dita o preço. Quando os senhores não vendem, e já vai a primeira pergunta: por que não comercializam o produto dos senhores nas bolsas de valores? Partindo do princípio de que quem tem exclusividade de vender um produto dita o preço, fica meio sujeito a especulações o fato de que tantos os senhores quanto a CBMM faz a transação da empresa no Brasil com as subsidiárias no exterior. *(Pausa.)*

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Nós vamos discutir isso, nós vamos discutir isso.

Eu não sei se o senhor teria como me afirmar e me informar se há vendas de nióbio no mercado aberto, em algum lugar do mundo, e, se positivo, qual é o preço que se pratica nesses mercados abertos?

Então, eu paro aqui com essas perguntas.



O SR. MAURO MEINBERG - A primeira pergunta do senhor, Deputado, era com relação... Eu me esqueci, desculpe-me, se o senhor puder repetir.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. MAURO MEINBERG - A primeira pergunta é muito simples. Nós não vendemos para subsidiária do Grupo Anglo American fora do Brasil. A nossa exportação é toda para clientes que não são do Grupo Anglo American. Esta, a primeira resposta.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sai com a venda direta daqui para o destino final?

O SR. MAURO MEINBERG - Para o destino final. Pode ser esse destino final o consumidor, ou, como o senhor falou, um comercializador de produtos, que não seja associado ao Grupo Anglo American.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Ah, os senhores vendem lá fora para um intermediário? O senhor poderia dar o nome de algum desses intermediários para quem o senhor vende?

O SR. MAURO MEINBERG - Sim, sem problema algum. Por exemplo: a FONDEL. FONDEL — F, O, N, D, E, L —, uma comercializadora de...

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Por favor.

O SR. MAURO MEINBERG - F, O, N, D, de dado; E, de Eduardo; L, de Luiz. Outra companhia conhecida é a CHRONIMET — C, H, R, O, N, I, M, E, T. No mercado chinês, existe outra companhia conhecida como China Metals.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - China Metals.

O SR. MAURO MEINBERG - São alguns exemplos de... E a Trek, nos Estados Unidos.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Os senhores, obviamente... Eu perguntei a questão do preço que os senhores estão vendendo hoje a liga. O senhor falou em 65, 66%? É o padrão, não é?

O SR. MAURO MEINBERG - Exatamente.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Qual o preço que os senhores estão vendendo hoje o quilo desse material?

O SR. MAURO MEINBERG - O quilo do nióbio contido nessa liga de ferro-nióbio é por volta de 40 dólares.



O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Quarenta dólares. O senhor está me falando do nióbio puro. Aí eu teria que elevar os 66 para 100%, aí eu chegaria aos 40 dólares. Está certo?

O SR. MAURO MEINBERG - Não, 40 dólares é o preço pelos 60%.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Os 65, 66%.

O SR. MAURO MEINBERG - Os 65, 66%.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Não sei se a pergunta seria para o senhor. Mas, se eu entrar no *site* hoje do Ministério da Indústria e Comércio, eles vão me informar, no máximo, 27 dólares.

O SR. MAURO MEINBERG - O meu entendimento do que é apresentado no Ministério é de aquele é o volume de ferro-nióbio.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Ferro-nióbio. Pois é. Então, eu não soube fazer a pergunta ou não entendi sua resposta. Quando o senhor me disse 40 dólares, 40 dólares, eu lhe perguntei se 40 dólares é o preço do quilo do óxido de nióbio, nióbio puro, ou se é esse ferro-liga a 66%. O senhor me disse que 40 dólares seriam pelo nióbio puro.

O SR. MAURO MEINBERG - O conceito, Sr. Deputado, é o conteúdo de nióbio no ferro-nióbio.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Então, 65, 66%?

O SR. MAURO MEINBERG - Exatamente.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Preço.

O SR. MAURO MEINBERG - Preço: quarenta dólares.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Quarenta dólares. E o Ministério? Isso fica como informação para a Comissão, Sr. Presidente, para depois a gente averiguar o porquê a empresa afirma que está vendendo a 40 dólares, quando temos a informação do Governo brasileiro de que esta é da ordem de 27 dólares. Então, há uma discrepância muito grande que precisa ser mais bem analisada, para que nós possamos entender onde está tendo a falha, possivelmente, de informação.

O SR. PAULO MISK - Sr. Deputado, apenas para esclarecer. Sei que isso costuma gerar um pouco de confusão. A gente vende o nióbio contido por volta de 40. Há preços de 38.



O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - O nióbio contido é o 66% mais 30% de ferro. O quilo o senhor vende por 40 dólares?

O SR. PAULO MISK - Isso. Significa que, para ter um quilo de nióbio, a gente precisa ter por volta de 1,5 quilo de ferro/nióbio. Um quilo e meio de ferro/nióbio vale 38 a 40 dólares. Só para esclarecer.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - O.k. O senhor falou de vendas de nióbio, de empresas, que o senhor vende a terceirizados. Há na Internet uma empresa chinesa, Alibabá Group. Presidente, nós consultamos o *site* dessa empresa hoje. No *site* dela hoje ela se dispõe a vender o nióbio puro, que é esse que ele está falando de 40 dólares, a 200 dólares, mais 54 dólares de frete/seguro até o Brasil. Se eu quiser comprar um quilo desse mesmo nióbio que ele está falando de 40 dólares, essa empresa, na China, segundo os dados que estão na Internet, se dispõe a vender por esse preço. O senhor acha que é uma empresa fantasma, uma brincadeira na Internet ou realmente tem esse preço de 200 dólares, enquanto o senhor está me falando de 40?

O SR. PAULO MISK - Sr. Deputado, eu não posso dizer sobre outra empresa. Eu não trabalho lá. Eu não conheço a empresa. Fazendo também uma busca na Internet, até para a gente saber o que se está falando, eu preciso esclarecer um pequeno detalhe: uma liga metálica de nióbio puro, 99,99%, é uma coisa completamente diferente do que uma liga de 65% de nióbio. Se eu fizer uma comparação grotesca, seria como comparar um carro mil com uma Ferrari. Quer dizer, os dois são automóveis, só que a qualidade de um, o processo construtivo e os custos envolvidos, a tecnologia, são completamente diferentes. Então, os preços certamente vão ser diferentes.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Mas essa empresa está vendendo ele produzido pelo senhor, pela CBMM ou pela IAMGOLD, por uma das três, porque só vocês três praticamente produzem nióbio no mundo.

O SR. MAURO MEINBERG - Sr. Deputado, no nosso caso, nós só produzimos ferro-nióbio. É o único produto com 65% de teor de nióbio contido. Esse é o único produto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Deputado Edio Lopes, o senhor encerra a sua primeira rodada. Então, eu queria agradecer aos Drs. Paulo



Misk e Mauro pelas respostas e aproveitar para dizer que a nossa reunião está sendo, desde o início, passada direto ao vivo pela Internet e todas as gravações estão à disposição de todos que se interessem pela nossa audiência.

Eu tenho o prazer de passar a palavra ao Sr. Deputado Fernando Francischini, para que possa, neste momento, fazer as suas perguntas.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Sr. Presidente, agradeço a V.Exa. e aos nossos convidados.

Eu sou Delegado da Polícia Federal e achei que estava dentro da Polícia Federal depois de assistir ao Deputado Edio Lopes. Hoje S.Exa. está mais delegado do que eu. Geralmente, eles me acusam nas CPIs. Ser delegado não é Deputado Federal, mas hoje o Deputado Edio Lopes estava o verdadeiro investigador, inclusive com perguntas muito bem colocadas.

Eu peço já as escusas aos meus convidados, porque minhas perguntas são muito mais diretas. Eu li todo o material. Perdi o início, Presidente. Por que o Presidente da Anglo American, o Sr. Ruben Fernandes, não veio? Ele veio?

O SR. MAURO MEINBERG - Não. Infelizmente, ele pediu desculpas por não estar presente. Ele tem outro compromisso que não permitiu a sua vinda aqui no dia de hoje.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - E quem responde, Dr. Mauro, o senhor ou o Sr. Paulo, pelo Presidente? Quero perguntar para quem manda no negócio. Depois do Presidente, é o senhor ou...

O SR. MAURO MEINBERG - Na ausência do Presidente, sou eu, o Diretor Financeiro.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - O senhor tem mais alguém aqui que representa a Anglo American aqui dentro deste plenário, como advogado, auxiliar, assessor?

O SR. MAURO MEINBERG - Nós temos os nossos assessores Antônio Josino e Rodolfo Virgílio aqui nos acompanhando

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Jurídico ou da empresa também?

O SR. MAURO MEINBERG - São assessores de relações institucionais.



O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Bem-vindos também. Eu li todo o material. O senhor conheceu a matéria sobre *Monopólio brasileiro do nióbio gera cobiça mundial, controvérsia e mitos*, do G1, da Globo? Já viu essa matéria?

O SR. MAURO MEINBERG - Eu vi algumas matérias que foram publicadas.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Viu? É uma matéria de 9 de abril de 2013. Eu li com preocupação. Eu sou da Comissão de Fiscalização e Controle. Aliás, essa é uma PFC, uma proposta, uma porta de entrada do Tribunal de Contas da União. Esta é nossa Comissão. Eu, como Líder do meu partido, li o material e me senti na obrigação de tirar algumas dúvidas aqui, porque, para mim, o nióbio é uma grande novidade. A gente que não é do setor e não milita na área, mas o que me preocupou e chamou atenção da minha assessoria foi que 98% das reservas mundiais do nióbio estão no nosso País. Ou seja, a gente viu uma grande possibilidade de dominar o mercado e isso virar um grande polo de desenvolvimento para o nosso País. A gente poder ditar preços internacionais do nióbio. A primeira pergunta é: o preço de vocês é o mesmo das concorrentes?

O SR. MAURO MEINBERG - Sr. Deputado, eu não posso falar sobre o preço das concorrentes. Eu não tenho conhecimento deles. A gente faz negociações bilaterais com os nossos próprios clientes.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Mas o preço é parecido com o preço de vocês?

O SR. MAURO MEINBERG - Assumindo que todos nós temos espaço nesse mercado, imagino que os preços...

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Há competitividade?

O SR. MAURO MEINBERG - Há competitividade no nosso preço.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - O preço não é combinado?

O SR. MAURO MEINBERG - Não, não é combinado.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - A segunda pergunta era justamente essa e vai muito na linha do que o Deputado Edio perguntou. Eu fiquei curioso na hora que ele perguntou, porque eu achei bem colocada a pergunta. Se a gente fechar a produção internacional do nióbio para obrigar o comércio internacional a atingir um preço que o Brasil possa ter o comando desse comércio



internacional, seria viável a nós ou esse outro produto que o senhor nos falou acabaria substituindo o nióbio? Porque a gente viu que a produção é ínfima do substitutivo. Então, se a gente fechasse a venda internacional, chegaria a nos dar um poder maior de competitividade para aumentar o preço do nióbio, para que o nosso País e a própria empresa, as duas ou três empresas que estão no Brasil pudessem ter lucros maiores, contratar mais gente, gerar mais dividendos para o País?

O SR. MAURO MEINBERG - Sr. Deputado, novamente eu não posso dizer o que vai acontecer com o mercado, caso uma suposição como essa se torne fato. Eu volto a atentar para o fato de que o nióbio é substituível por outros minerais ou pelo minério de ferro para a produção de aço.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Vou fazer uma pergunta. O senhor quer completar?

O SR. PAULO MISK - Só complementando, a gente que está envolvido na operação do nióbio, talvez facilite um pouco o raciocínio. Aqui vai um pouco de interpretação. Eu não tenho os dados todos na mão para poder dizer o que vai acontecer, porque as coisas às vezes não são tão simples. Mas existem substitutivos. O vanadium é um metal que substituiu o nióbio para dar características especiais ao aço, o molibdênio e outros também. Mas certamente como todo produto que está sujeito às regras de mercado, o nióbio também está. Se o preço subir demais — o nosso interesse é de que o preço seja o maior possível —, nesse ponto nós comungamos no sentido de que o preço, quanto mais alto, melhor, tanto para nós quanto para o Brasil. Mas se ele subir demais começa a viabilizar a sua substituição pelo vanadium. E aí não só pelo vanadium, mas também por outras reservas de nióbio do mundo. O nobre Deputado comentou que os teores nas outras reservas são menores. De fato são. Para dar números...

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - O senhor sabe os números?

O SR. MAURO MEINBERG - Eu posso passar os números dos quais eu tenho conhecimento e de que a literatura passa. Eu não conheço os detalhes, mas o nosso teor é por volta de 1,2% de nióbio por tonelada. É um percentual. As jazidas, na África, têm por volta de 0,6%, 0,7%, alguma coisa metade do nosso. Quando eu



falo isso, o que significa na cadeia produtiva do nióbio? Eles gastariam, provavelmente, o dobro da etapa de mina e o dobro da etapa de concentração, que não são as etapas mais onerosas. A etapa mais onerosa do processo é exatamente a metalurgia. Então, eu poderia dizer que, se a nossa margem de contribuição é por volta de 50%, o preço atual já viabiliza essas jazidas. A jazida na Austrália é por volta de 1%, 1,07%, se não me engano. Então, certamente eles têm condições econômicas de produzir.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Mas não volume de quantidade, já que 98% está aqui no nosso País, não é?

O SR. MAURO MEINBERG - Olhe, eles teriam volume para produzir por alguns bons anos. Viabilizaria o negócio deles.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Deixe-me fazer a última pergunta para voltar...

O SR. PAULO MISK - Só mais um detalhe, nobre Deputado, por favor. Quando nós falamos em 98%, esses números são normalmente sobre as reservas conhecidas e já reconhecidas. Você tem muito estudo, muitos recursos, como chamam na indústria, que ainda não conseguiu transformar em reservas, não é?

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - O G1 da Globo aqui traz um item bem polêmico e a minha última pergunta é sobre esse item polêmico aqui. O Item 6 da matéria. O nióbio é vendido a preço de banana e o Brasil perde ao não determinar o preço internacional. Diz que é um fato não comprovado — ele mesmo cita um fato não comprovado — e chega a dizer que existem suspeitas não comprovadas de subfaturamento. Como esse é um PFC que está na porta do Tribunal de Contas da União para decidir sobre o setor, sobre a política em relação ao nióbio, queria saber se vocês disponibilizam para o nosso PFC a lista dos clientes internacionais, a cópia das vendas das notas fiscais, dos documentos de exportação, para que a gente possa solicitar nos outros países a cara-metade do preço de venda que vocês estão fazendo no comércio internacional. Isso poderia arquivar de vez qualquer suspeita de subfaturamento, mostrando que a gente acredita — é a credibilidade da empresa. Talvez vocês disponibilizarem — e esse é o meu pedido final, Presidente... Quero saber se a empresa disponibiliza a lista e a cópia dos documentos de exportação com os valores que estão sendo vendidos



para que nós possamos requisitar, em âmbito internacional, a cara-metade de quanto essas empresas pagaram lá fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Eu passaria a palavra ao Dr. Mauro, nosso Diretor Financeiro, para que, depois de instruído, pudesse nos orientar.

O SR. MAURO MEINBERG - Estava sendo devidamente instruído sobre onde estão disponíveis essas informações. As informações estão amplamente disponíveis junto à Receita Federal. Não temos problemas em disponibilizar isso e, junto com a Receita Federal, viabilizar que elas cheguem aqui.

O SR. DEPUTADO FERNANDO FRANCISCHINI - Autoriza, então, o acesso a esse sigilo, porque é um sigilo fiscal. Nós estamos acessando o sigilo de uma empresa. O senhor nos autorizando buscar essas informações junto à Receita ou disponibilizando-as, a empresa mostra a idoneidade que favorece a nossa investigação do PFC, porque nós não podemos diretamente, Presidente, buscar junto à Receita Federal. Dependeria de a própria empresa buscar esses dados. Em quanto tempo ela poderia apresentar para nós, no PFC? Esses dados aqui seriam sigilo fiscal da empresa.

O SR. MAURO MEINBERG - Deputado, só preciso verificar internamente essa disponibilidade e voltaremos com o senhores imediatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Deputado Fernando Francischini, encerrado? Queria parabenizá-lo pelo seu posicionamento e certamente, depois desse requerimento que hoje nós estamos apreciando aqui, na audiência pública, será feito o pedido do PFC, com os embasamentos já chegados às nossas mãos, o que levará a um amplo debate em busca de informações para melhor nortear a política do nióbio, que é de suma importância, tanto para vocês, para que fiquem protegidos nas suas atividades, como também do Estado brasileiro, dentro de seus interesses de exportação, produção, e até o desenvolvimento das suas ações internas que também são tão necessárias, já que o que estamos vendo aqui é um elemento que vem muito a ajudar o desenvolvimento de todas as atividades.

Portanto, passo agora ao segundo debatedor, que é o Deputado Carlos Brandão, para que S.Exa. possa fazer também seus posicionamentos.



O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, senhores representantes da empresa Anglo American, eu acho que essa questão do nióbio chega aqui num bom momento, porque nós estamos aqui debatendo na Câmara dos Deputados o Código Mineral, um código que vem sendo esperado aí por muitos anos. A Câmara tem diversos projetos parados, inclusive na Comissão de Minas e Energia, aguardando a proposta do Governo, para que a gente possa aqui e agora entrar no debate e conseguir uma linha definitiva nessa questão do Código Mineral.

O Código Mineral já chegou aqui, na Câmara, e estamos aí acelerando os debates. São muitas propostas boas em vários segmentos, mas com relação à questão do nióbio o que está ficando claro para a gente é que a grande reserva é aqui no Brasil, 98%, e essas reservas são exploradas por apenas duas empresas. Então, pelas reportagens, pelas matérias que a gente tem lido, fica assim uma característica de um cartel, e várias denúncias têm sido feitas do sobrepreço com que esse produto chega ao exterior.

Então, eu acho que esse pedido do Deputado Francischini é muito pertinente, porque existe uma suspeita de subfaturamento para que se evite o pagamento de impostos. Mas aqui eu não queria fazer nenhuma acusação, porque apenas são matérias jornalísticas. A gente precisa ter esse material para tirar as nossas conclusões. Existe até suspeita de que a própria empresa Anglo American vende o produto para o exterior para empresas do mesmo grupo. Isso, eu também gostaria de constatar no momento em que a gente conhecer essa clientela da empresa Anglo American. Quer dizer, vende-se mais barato lá para fora, para não pagar os devidos impostos, diminuir a carga tributária, que lá fora se vende por um preço mais alto. Como eu disse aqui, são matérias jornalísticas. E aqui, nesta Comissão, nesta audiência pública, a nossa função é a gente ter esse material para ter esses esclarecimentos, até porque nas matérias jornalísticas a empresa não se defende sobre isso e não comprova que a imprensa não está falando a verdade. Então, fica no ar essa questão.

Eu faria alguns questionamentos com relação a essa venda do nióbio para o exterior. Eu acho que nós temos aqui um produto talvez mais importante do que o petróleo e do que o pré-sal. Porque nióbio só nós temos, praticamente, e petróleo



existe no mundo inteiro. Pelo visto, se dissermos que só vamos vender por oitenta dólares, eu acho que eles terão de comprar. As duas empresas estão em condições privilegiadas de impor preço. Nada contra. Eu acho até que é um grande negócio. Sorte de vocês. Mas, como nós estamos discutindo a questão do Código de Mineração, o Governo, com certeza, deverá ter o controle disso, porque a tese do Governo e da população é que não haja cartel.

V.Exa. quer falar alguma coisa para completar?

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Não, só contribuindo para essa linha de raciocínio, veja o que a China fez com o caso do terra-rara, sobretudo com o neodímio. Em 2 anos, saiu de 15 dólares para 150 dólares o quilo de neodímio. E fez mais ainda: limitou suas exportações em apenas 30 mil toneladas por ano. Está a maior confusão na OMC, nos Estados Unidos, no Japão, etc. E terra-rara não é exclusividade da China, no mundo inteiro tem; nós temos reservas extraordinárias de terras-raras. E a China não se preocupou com o argumento aqui de que outros países irão explorar as suas jazidas. Esse é só um paralelo para a questão.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Então, uma das perguntas que eu faço é a seguinte: nessa venda para o exterior, qual é o percentual que se vende aqui dentro do Brasil? Qual é o percentual que se vende para fora do Brasil? Essa venda é feita pela Bolsa de Valores, ou é uma comercialização livre, espontânea, para o exterior? E para que a gente possa ter noção desse controle, pergunto se é controlado pelo DNPM desde a produção da rocha até chegar ao nióbio. O DNPM controla só na produção da rocha, ou até chegar ao nióbio líquido, ao produto terminal do nióbio? Então, quem controla isso? De que forma é comercializado? É público? Esse comércio é público, através de Bolsa de Valores, ou é um comércio interno?

Outra pergunta é essa questão — não sei se vocês estão anotando — do percentual que se vende aqui dentro do Brasil e do percentual que se vende lá fora. Eu li alguns artigos do um pesquisador chamado Benayon, autor de vários artigos sobre nióbio, que diz o seguinte: *“O Brasil poderia ganhar até 50 vezes mais do que recebe atualmente com a exportação de ferro-nióbio, caso ditasse o preço do produto no mercado mundial e aumentasse o consumo interno do mineral”*.



Então, é uma coisa que está me cheirando a algo sem transparência. Uma das perguntas que eu ia fazer foi a que o Deputado Francischini fez, que trata dessa questão do sigilo fiscal. Já que a empresa está aqui se colocando com bastante transparência, que ela nos dê acesso, até para que nós... Eu faço parte da Comissão que debate o Código de Mineração, apresentei quatro projetos que estão sendo discutidos no Código de Mineração e eu gostaria de acrescentar a proposta de um projeto de lei para o caso nióbio. Mas eu não quero fazer injustiça e apresentá-lo sem ter essas informações. Até porque eu acho que é uma coisa que tem que ser transparente, porque toda essa parte mineral hoje é muito transparente. Mas, nessa questão do nióbio, a gente não tem essas informações. Há artigos, há várias críticas, e a gente não vê, por conta das duas grandes empresas, que detêm 98% desse mercado mundial, nenhum pronunciamento.

Eu, pelo menos, pedi à minha assessoria que fizesse uma pesquisa na Internet, mas não consegui informações que atendessem a essas minhas demandas. Eu não sei se esse produto é isento da taxa de importação. Se não o for, qual é o valor da taxação? Por exemplo, no caso do minério de ferro, ele tem uma isenção do ICMS pela Lei Kandir. Esse produto, o nióbio, tem alguma isenção? Ele tem algum incentivo? O que o Brasil está ganhando com essa exportação? Existe ou não existe esse subfaturamento de 40 dólares o quilo? É verdadeira ou não é verdadeira essa informação? Um dos diretores da empresa acabou de dizer que é em torno de 37 dólares, 40 dólares o preço do nióbio. Mas não é isso o que a gente vê nas matérias, inclusive da *Globo*. Então, eis as questões sobre as quais nós gostaríamos de ter esses esclarecimentos.

Sr. Presidente, as minhas colocações eram essas. E depois nós vamos oficializar outras perguntas, porque já está próximo o começo da Ordem do Dia e ainda há colegas, o Deputado Sérgio Brito e o Deputado Edio Lopes, que querem fazer uma complementação às suas perguntas. E eu, como Relator dessa PFC, vou precisar de muitos elementos. Então, eu gostaria que a empresa mandasse para a Comissão os subsídios, para que possamos concluir esse trabalho o mais rapidamente possível, afinal de contas, nós estamos concluindo o ano. Esta Comissão tem uma parceria muito próxima com Tribunal de Contas da União, que, nas nossas reuniões,



está sempre presente. Nós também precisaremos da assessoria do Tribunal de Contas para nos ajudar nesse processo, para que não façamos injustiças.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Obrigado, Deputado Carlos Brandão.

Os senhores desejam fazer alguma colocação, já que não houve nenhuma pergunta pontual?

O SR. MAURO MEINBERG - Só para esclarecer ao Deputado que perguntou se existe negociação em Bolsa, só para confirmar, o nióbio não é negociado em nenhuma Bolsa de Valores. O ferro-nióbio não é negociado em nenhuma Bolsa de Valores que seja do nosso conhecimento.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - O.k.

O SR. MAURO MEINBERG - Sobre exportações, eu diria que cerca de 95% do nosso produto é exportado, e ele é sempre exportado para um cliente final, e não uma outra empresa do grupo Anglo American. Então, o preço de venda que praticamos é sempre o melhor preço, ou o preço mais alto de mercado que possamos praticar naquele momento.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Essa negociação é direta?

O SR. MAURO MEINBERG - É direta.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Não é no mercado internacional, mas é negociação direta com os empresários?

O SR. MAURO MEINBERG - É direto com o comprador.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - E com relação a imposto, o que vocês pagam? Qual é a taxa de imposto que o nióbio paga hoje para a exportação?

O SR. MAURO MEINBERG - Eu preciso checar essa informação, Deputado...

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Mas é uma pergunta tão simples.

O SR. MAURO MEINBERG - Eu não sei. Eu não sei de cabeça, aqui.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Essa é uma pergunta, realmente, muito assim, sabe? Tem alguém da área comercial aqui, que possa me responder? Eu acho que é tão simples isso. O que vocês pagam? Vocês pagam ICMS ou vocês são isentos de ICMS? Vocês pagam IPI? Vocês pagam ISS? O que fica lá para o Município, para o Estado? O que fica para o Brasil?

O SR. MAURO MEINBERG - Sr. Deputado, nós fizemos uma breve...



O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Desculpe-me, eu não estou querendo fazer nenhuma pressão...

O SR. MAURO MEINBERG - Não, não, de modo algum.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - ... mas parece uma coisa bastante simples.

O SR. MAURO MEINBERG - Nós fizemos uma breve explanação anteriormente, em que falamos um pouco da contribuição em termos de impostos para os Municípios e para a região onde nós temos impacto. O Paulo estava aqui me atentando para o fato de que nós somos isentos de ICMS na exportação, sim, mas todos os outros impostos são pagos, quando devidos.

O SR. PAULO MISK - Bom, só para complementar a informação, em 2012, nós pagamos cerca de 7,4 milhões de reais. Quer dizer, todos os...

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Qual foi o faturamento?

O SR. PAULO MISK - Por volta de 170 milhões de dólares, em 2012. Quer dizer, todos os impostos, ISS, impostos locais, todos os impostos envolvidos na compra de insumos, a empresa paga. Aliás, paga todos os impostos que são devidos.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Nesse caso aí está sendo menos de 2% de ISS, porque ISS é 5%.

O SR. PAULO MISK - ISS não é sobre o faturamento, é só sobre os serviços. Eu não sou tributarista para estar debatendo sobre imposto. Mas todos os impostos devidos são pagos.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Só complementando aqui, eu acho que essa atividade é muito privilegiada, porque é um monopólio e tem um grande sentido para o Governo. Nada contra, não estou aqui contra o faturamento da empresa. Mas o Brasil está perdendo muito, quem está ganhando são as empresas. Estou só levantando essa lebre, porque nós estamos no momento de discussão do Código de Mineração, e tudo isso hoje está sendo debatido.

Por exemplo, no caso do pré-sal, uma parte desses recursos estão sendo destinados à educação, à saúde, e nós estamos acompanhando isso. Essa questão da educação e saúde no Brasil está cada vez mais difícil, mais carente. Não estou querendo aqui taxar a empresa, mas, nessas atividades lucrativas, o Brasil está



dando uma contribuição para a educação e a saúde. Eu estou vendo aqui que é muito pouca a contribuição.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Quanto ao questionamento do colega, eu tenho a informação aqui de que a Anglo American exportou em 2012 — e não vendia no mercado interno, portanto foi 100% da produção — 6 mil e 164 toneladas de ferro-nióbio, num total de 150 milhões, 978 mil e 152 dólares, o que dá — ao invés de 40 — 24,49 dólares por quilo. Essa é uma informação do Governo brasileiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - O.k. Isso vai ficar registrado no arquivo e nas gravações.

O SR. PAULO MISK - Também só para lembrar o que nós comentamos anteriormente, esse é o preço do ferro-nióbio, não do nióbio. O preço de 37 a 40 dólares é do nióbio contido. Não sei se ficou alguma dúvida em relação a...

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sim, que é o mesmo comparativo com o *site* de 200 dólares. O mesmo produto que o senhor está falando de 40 dólares o *site* está oferecendo por 200 dólares.

Eu queria aproveitar e até passar para o Presidente isso aqui que foi retirado hoje do *site* dessa empresa.

Passemos adiante, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Passamos, então, a palavra ao nobre Deputado Sérgio Brito para fazer as suas colocações.

O SR. DEPUTADO SÉRGIO BRITO - Obrigado, Sr. Presidente, Deputado Alexandre Santos.

Em primeiro lugar eu queria pedir desculpas ao Presidente, porque cheguei atrasado. Por isso mesmo, com certeza, alguns colegas já colocaram algumas perguntas, algumas situações que eu, porventura, não gostaria de repeti-las. Quero ser breve nas minhas colocações para não ficar repetitivo aos colegas Deputados Edio Lopes, Carlos Brandão e Fernando Francischini, que anteriormente a mim já fizeram as suas colocações.



Nós sabemos, Sr. Presidente, que o nióbio é um metal muito raro no mundo, isso está claro. Mas temos algumas informações de que a CBMM avalia que as suas reservas em Araxá são suficientes para garantir a produção de nióbio por mais 200 anos. Já a Anglo coloca que as suas reservas estão em torno de 40 anos mais. É muito tempo. É verdade que essa riqueza que nós temos neste País é incomensurável. O Brasil tem 98% da reserva de nióbio no mundo, com 48,43. Depois vêm Canadá e Austrália, com pouco menos ou um pouco mais de 1%.

Eu vou nessa linha do Deputado Carlos Brandão, de que nós temos os recurso oriundos do pré-sal sendo colocados tanto para a educação como para a saúde, por que não os do nióbio também? Já que nós temos uma reserva, uma força, uma potência tão grande nessa área, por que também não usarmos esse metal para esses fins, para nos ajudar?

Por outro lado, nós estamos sendo taxados mundo afora de que nós estamos vendendo o nosso nióbio a preço de banana. Isso é ridículo! Isso é uma coisa que não consigo acreditar. Nós ouvimos aqui colegas dizerem isso muito claramente. Então, eu queria saber das empresas, principalmente da Anglo, que está aqui, se isto é verdade: nós estamos vendendo o nosso nióbio a preço de banana no mercado mundial? Isso é uma vergonha para nós brasileiros.

Eu queria fazer só essa colocação para a Anglo e também saber se, dentro do conjunto de exploração do nióbio, vem alguma coisa radioativa nisso, se há alguma radioatividade nessa exploração. Eu sou leigo e queria que, nessa colocação, vocês me dessem uma explicação sobre essa exploração.

Eu fico por aqui, Sr. Presidente. Já sei que os meus colegas colocaram alguma coisa e que o Relator, o Deputado Edio, ainda vai colocar muito mais. Mas quero saber se realmente nós estamos vendendo o nosso nióbio a preço de banana no mercado mundial e também se, na exploração do metal, vem junto alguma coisa radioativa.

Era só isso, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Antes das questões de V.Exa., na minha pergunta ficou um questionamento sobre a questão da fiscalização. Quem faz a fiscalização é o DNPM?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Sr. Mauro Meinberg, por favor.

O SR. MAURO MEINBERG - O DNPM fiscaliza todo o processo de produção e processamento do minério. Daí, uma vez que ele sai da nossa fábrica e é exportado, a fiscalização sobre a comercialização é feita pela Receita Federal. Desculpe-me não ter respondido essa pergunta, eu tinha até anotado aqui, mas acabamos não tocando no ponto.

Prezado Deputado, com relação a sua pergunta sobre preço, a Anglo American é uma empresa de fins lucrativos, o nosso objetivo é auferir resultados à exploração do nióbio. Em toda a comercialização nós procuramos sempre obter o maior preço possível em cada quilo de nióbio produzido. Exportamos cerca de 95%, como comentei com o Sr. Deputado, e vendemos no mercado local, sempre procurando obter o melhor preço possível.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Com a palavra o Sr. Paulo Misk.

O SR. PAULO MISK - Sr. Deputado, eu também já vi essas manifestações na Internet. Infelizmente, eu não acredito nas coisas que são ditas ou no embasamento pelo qual é dito.

Se entendermos a história do nióbio, nós vamos ver que ela é um pouco diferente. As operações do nióbio no Brasil foram na década de 70. O mundo não usava nióbio. E, graças a um esforço da indústria brasileira, nós conseguimos mostrar para o mundo que o nióbio tinha vantagem em ser usado. As aplicações do nióbio, seja para o aço microligado, seja para outras aplicações, é a grande aplicação... Inclusive a Anglo American produz ferro-nióbio, com 65% de nióbio, e o mercado para o qual vendemos é basicamente de aço microligado. Quanto a outras aplicações que têm uma parcela muito pequena de consumo, nós não participamos desse mercado, então não sabemos dizer. Quando citam, por exemplo, o nióbio metálico, 99%, não é o mercado que a atuamos, então não temos detalhe sobre ele ou alguma coisa da indústria química.

Mas a indústria do nióbio, a aplicação do nióbio e o uso pelas indústrias siderúrgicas é coisa recente. Nós estamos de 2003 para cá, quando praticamente o consumo triplicou. E mesmo com o preço sendo bem mais alto e o volume sendo



mais alto, nós estamos falando de um negócio por volta de 2,5 bilhões de dólares por ano. Quer dizer, não é um valor — vamos dizer — tão representativo. Se você pegar um valor anterior na história, ele era muito menor, mas, graças ao esforço da indústria nacional, passou a ocupar um lugar de mais destaque no Brasil e no mundo.

Quando olhamos a pauta de exportação do mineral brasileiro, ele é o terceiro item da pauta. Então, o esforço brasileiro fez com que o nióbio ocupasse um lugar de destaque, tanto nas exportações brasileiras quanto nas aplicações na indústria mundial. Nós temos que usar o nióbio como um exemplo e com muito orgulho para dizer que desenvolvemos um metal, cuja maior incidência está aqui no Brasil, e hoje ele é usado no mundo inteiro. Imaginem se nós desenvolvêssemos esse tipo de esforço, por exemplo, com o tório. O que nós ouvimos dizer é que o urânio é desenvolvido para produzir energia, mas o tório não, porque os países desenvolvidos têm pouco tório. Se nós desenvolvêssemos a indústria nacional voltada para as nossas reservas, para os recursos disponíveis no Brasil, certamente não teríamos só o nióbio como exemplo para nos orgulhar do País, e sim vários outros.

Eu gostaria de vender pelo maior preço possível, mas nós temos que convencer o cliente a comprar por esse preço. Acho que todo o mercado é regulado pelo interesse do fornecedor e pela capacidade do cliente de comprar. E nós, no interesse de fomentar a aplicação de nióbio, procuramos colocar um preço que nós percebemos que o mercado consegue absorver, como acontece em todo mercado. Eu vejo um desconforto de não estar na Bolsa de Valores, mas é simplesmente porque há poucos produtores. A Bolsa é um lugar onde estão vários compradores e vários fornecedores, e ali passa a ser um momento para se definir preço, oferta e demanda. O que nós percebemos é que os clientes fazem uma cotação, nós ofertamos o nosso preço: se nós perdemos, na próxima vez nós abaixamos um pouco; se ganhamos, tentamos subir um pouco na próxima. Isso é como em qualquer outro mercado.

O SR. DEPUTADO SÉRGIO BRITO - A questão da exploração...

O SR. PAULO MISK - Ah, a radioatividade. No ambiente geológico em que ocorre o nióbio, pode haver a ocorrência de tório e de urânio. Pode haver, mas em



quantidades muito baixas. Eu estou falando realmente de quantidades irrisórias. A Comissão Nacional de Energia Nuclear acompanha tanto a nossa atividade, como as outras operações que mexem com o nióbio. Agora, o nióbio exportado é totalmente isento de tório e urânio. Durante o processo produtivo, quando se chega à metalurgia do nióbio, ele é completamente isento. Então, o material que nós vendemos não tem nenhuma radioatividade.

O SR. DEPUTADO SÉRGIO BRITO - Nesse caso, só a retirada mesmo é que pode vir...

O SR. PAULO MISK - Pode ocorrer, pode ocorrer, porque a natureza...

O SR. DEPUTADO SÉRGIO BRITO - Nós discutimos muito isso, Sr. Presidente, quando eu fui Presidente da Comissão de Minas e Energia desta Casa. Essa questão já era uma preocupação do Parlamento. Foi boa a sua explicação, porque nós também sentimos com que meios podemos ajudar para evitar algo pior, que possa vir a ocorrer com essa radioatividade. Então, Sr. Presidente, era isso que eu queria dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Obrigado, Deputado Sérgio Brito que, também como ex-Presidente da Comissão de Fiscalização e Controle, muito nos orgulhou na sua gestão aqui.

Passo a palavra ao Deputado Carlos Brandão.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Somente para complementar, eu gostaria de saber o seguinte: qual é o compromisso da empresa Anglo American na compensação ambiental nos investimentos que faz na exploração do nióbio? O Município ou o Estado, onde é explorado o nióbio, naturalmente sofre desgaste ambiental, essa coisa toda, então, o que a legislação hoje obriga de investimento da empresa no Município, na área da educação, na saúde ou em termos de repasse, de algum imposto? E para finalizar, o que vocês podem nos adiantar, em termos de tempo, para nos fornecer essa documentação que foi solicitada? Já está findando o ano, e nós precisamos fechar esse relatório, precisamos que essa documentação, essas notas fiscais venham logo para que nós possamos... Há uma série de trabalhos aqui na Comissão de que participamos e que precisamos concluir. Então, só para termos uma noção desse tempo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Com a palavra o Dr. Paulo Minsk.

O SR. PAULO MISK - Sr. Deputado, a Anglo American paga todos os impostos previstos na legislação brasileira. O destino que a administração municipal, estadual ou federal dá para esses impostos, eu não tenho conhecimento. Em relação à compensação ambiental, no processo de licenciamento ela é definida pelo órgão ambiental.

Para dar um exemplo, nós adquirimos uma área bastante expressiva para fazer uma transferência das reservas legais e instituir, no Município de Catalão, uma área de preservação ambiental, e aí poder promover educação ambiental para os estudantes do Município, poder prover um pouco de conhecimento de ecologia, de como nós podemos atuar como cidadãos e como empresa para minimizar os impactos ambientais. Na apresentação que nós fizemos, eu procurei passar exatamente essa preocupação com o meio ambiente, que é um dos valores que nós levamos muito a sério. E pode ter certeza que a Anglo American é um exemplo a ser seguido, seja no Brasil, seja no exterior como...

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - O senhor tem ideia do valor desse investimento que foi feito?

O SR. PAULO MISK - Dessa parte de compensação, eu não tenho os números agora, até porque nós pegamos os projetos sociais que nós temos feito, e aí não é obrigação legal, no negócio que nós estamos falando agora, por volta de 5 milhões/ano da nossa unidade de negócio.

O SR. DEPUTADO CARLOS BRANDÃO - Se pudesse mandar isso para nós também, seria interessante.

O SR. PAULO MISK - Nós podemos fazer um resumo dos projetos sociais, sim, perfeitamente. Aliás, eu queria deixar aqui um convite para os Srs. Parlamentares, para o Sr. Presidente: quem quiser visitar as nossas instalações, nós estamos de portas abertas. Nós não temos segredo. Nós somos uma unidade produtiva em total consonância com as leis, na qual ocorre a fiscalização seja do DNPM, seja dos órgãos ambientais. Então seria um prazer recebê-los, quando poderíamos mostrar com mais detalhes todo o processo produtivo. E qualquer



dúvida nós podemos esclarecer, como capacidade produtiva, como os nossos históricos de venda e de produção. Vai ser um prazer recebê-los lá em Catalão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Obrigado, Dr. Paulo Misk.

Dr. Mauro, deseja fazer mais alguma colocação?

O SR. MAURO MEINBERG - Só com relação aos prazos, nós voltaremos à Comissão, provavelmente na próxima semana, com uma indicação clara de prazos. Quanto às questões sobre a abertura de notas fiscais e a quebra de sigilo bancário, nós precisamos passar pelos órgãos societários da companhia para poder autorizar. Então, nós podemos chamar uma reunião de conselho de administração para fazer a devida autorização e daí prosseguirmos com a resposta aos senhores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Eu aproveitaria este momento, inclusive, para solicitar o material que foi exposto aqui, de modo que fosse deixada uma cópia para que também faça parte do relatório. Se os senhores tiverem aí em mãos...

O SR. MAURO MEINBERG - Temos, sim. O Antônio vai nos passar uma cópia impressa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Indago se alguém ainda quer fazer uso da palavra. *(Pausa.)*

Com a palavra o Deputado Edio Lopes.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Sr. Presidente, primeiramente quero manifestar a minha preocupação, porque, quando nós falamos sobre esse *site* oferecendo o nióbio a 200 dólares, eu não vi uma posição de surpresa por parte dos representantes da Anglo American. Não me pareceu que fosse uma ideia, uma notícia de todo absurda. Pelo menos, foi o que nos pareceu. Então, isso nos preocupa. Diante de uma disparidade de preços dessa envergadura era para, no mínimo, os representantes da Anglo American rechaçarem de plano, dizendo que uma operação dessa não era possível no mercado atual. Mas essa é uma impressão minha.

O SR. CARLOS BRANDÃO - Só para entender: essa oferta está no *site* a Anglo American?



O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Não, não. Num *site* de uma empresa na China.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Os documentos nº 4 e nº 5 já se encontram aqui.

O SR. DEPUTADO EDIO LOPES - Isso, mas essa é uma preocupação minha. Não é uma coisa... Eu quero voltar, ainda, à questão da fiscalização, porque o Governo brasileiro afirmou ao G1 que o DNPM fiscaliza apenas a produção lá na mina, a extração. O processo de industrialização não é fiscalizado pelo DNPM, segundo informação do Governo brasileiro.

Ora, se o DNPM fiscaliza a produção da rocha bruta onde está inserido o nióbio e outros minérios, depois chega ao processo de industrialização, o DNPM já não tem competência para isso aqui e lá na ponta vai a Receita Federal fiscalizar a exportação.

Nós temos um vácuo de não fiscalização por parte do Estado brasileiro, aqui. Isso enseja, isso motiva, a dar asas às seguintes afirmações, Sr. Presidente: se nós confrontarmos a produção declarada pelas duas empresas e a exportação, a comercialização anotada pelo Ministério da Indústria e do Comércio, só no ano de 2007, nós temos uma diferença aqui de quase 27 mil toneladas de nióbio contido. Se nós pegarmos a 40 dólares, nós vamos falar aqui de 1 bilhão e qualquer coisa; se nós pegarmos a 200 dólares, nós estaremos falando de quase 6 bilhões de dólares de diferença nessa operação.

Então, isso me enseja, Sr. Relator, a propor a V.Exa. que nós, daqui para a frente, criemos uma frente, dentro desta Casa, para que o Governo brasileiro intervenha nessa questão e estudemos a possibilidade da obrigatoriedade da comercialização do nióbio no Brasil, em um curto espaço de tempo, vir a ser toda realizada da forma que é o ferro, da forma que é o ouro.

E mais ainda. Nós sabemos que não é muito o caso da Anglo American, mas é o caso de Pitinga, da presença de minerais radioativos na mesma fonte de exploração, na mesma rocha de onde está se retirando o nióbio.

Pitinga é um caso bem mais contundente nessa questão. Eu ousaria ainda, já que nós temos aqui um vácuo de fiscalização entre a produção e a comercialização... E é por isso que pode estar ocorrendo... E quando o Benayon diz



que se esconde uma parte da produção — ele está falando exatamente disso —, quem sabe não seria de tudo absurdo propor à Comissão Nacional de Energia Nuclear que passe a controlar o nióbio da mesma forma que ela controla outros minerais no Brasil.

Talvez, assim, nós afastássemos qualquer possibilidade de argumentos de que entre a produção e a comercialização está sumindo uma grande parte do nióbio dentro dessas duas empresas.

Então, Sr. Presidente, a exemplo do que aconteceu na audiência com a CBMM eu saio daqui com muito mais dúvida do que quando aqui entrei, pelas explicações que deram e sobretudo pelas explicações que não deram.

Um mundo que só tem duas empresas explorando, transformando e comercializando, dizer que não sabe, que não conhece, não me convence.

Todas as perguntas que disseram que não se lembram, que não conhecem ou que é uma questão do concorrente, que é uma questão de outra empresa, isso é um mundo muito pequeno. É um mundo só de duas empresas. Aliás, de três, tem a IAMGOLD lá fora. Três. A Anglo American vir aqui dizer que não sabe o preço da outra porque... É um negócio assim meio...

Portanto, Sr. Relator, ficam essas duas sugestões para V.Exa. que certamente tem e terá elementos, com a Inteligência, com o senso de nacionalismo que move V.Exa., a exemplo de todos nós aqui, certamente haverá de encontrar um ponto de equilíbrio. Um ponto em que as empresas consigam explorar, transformar, comercializar, com lucro — nós vivemos num mundo de capital —, mas também um ponto de equilíbrio em que o Brasil não fique nas mãos apenas da vontade comercial de duas empresas. A China fez isso com terra-rara, o mundo berrou, mas nem por isso deixaram de comprar o neodímio da China e outros elementos químicos do terra-rara.

Então, é esta a minha participação. Eu quero agradecer aos representantes da Anglo American por aqui estarem, eles não são obrigados a virem aqui, mas vieram e isso é um ponto que me motiva a dizer, de público, a grandeza de espírito dos senhores, mas não afasta, de maneira alguma, a minha vontade de que a questão do nióbio no Brasil seja passada a limpo. Isso para que não paire essas especulações de que o Brasil está perdendo bilhões, de que o Brasil poderia ganhar



50 vezes mais, que só nessa divergência entre o que o DNPM afirma que explorou e o Ministério da Indústria e Comércio diz que foi comercializado, nós falamos aqui, em apenas 1 ano, só nessa questão, algo de meia dezena de bilhões de dólares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Obrigado, Deputado Edio Lopes. Muito obrigado aos Deputados Carlos Brandão e Sérgio Brito por estarem aqui acompanhando esta audiência, que faz parte de uma PFC.

Peço ao Deputado Carlos Brandão que solicite uma reunião, de imediato, com os membros do Tribunal de Contas e também com a CGU para que nós pudéssemos fazer uma mesa redonda sobre alguns apontamentos que nós podemos ter aqui, que foram levantados.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - Sr. Relator, por favor, traga para a reunião amanhã, e nós imediatamente iremos fazer os levantamentos.

Quero agradecer muito ao Dr. Paulo Misk, ao Dr. Mauro Meinberg a colocação, os posicionamentos, entendendo que os senhores são diretores de uma empresa, e dentro da empresa há uma hierarquia, um procedimento.

O nióbio é o metal do futuro. Nós estamos conversando sobre o futuro, sobre as possibilidades de podermos usar, desenvolver e nos aprofundarmos para que essas atividades nossas possam ser, de imediato, levadas à população e, acima de tudo, ao povo brasileiro.

Quero cumprimentar o Deputado Ricardo Izar, que traz, na saudade, também, a lembrança do seu pai. E, antes de terminar, se V.Exa. quiser fazer alguma consideração, o microfone está à sua disposição.

O SR. DEPUTADO RICARDO IZAR - Sr. Presidente, eu estou chegando no final porque eu estava na reunião de Líderes, mas quero parabenizá-lo pela iniciativa da audiência pública.

Eu vim dar um abraço num amigo pessoal meu, que é o Mauro Meinberg. Por isso, fiz questão de passar aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Santos) - V.Exa. disse para tratá-los bem, e eu disse que seriam tratados, como V.Exa. sempre foi tratado aqui.

Sejam sempre muito bem-vindos a esta Casa! Nós estamos aqui à disposição, caso vocês possam nos ajudar a dar um encaminhamento em termos de



segurança a essa atividade, que é de fundamental importância para o cenário relativo à energia em que nós estamos vivendo neste momento.

Muito obrigado a vocês.

Está encerrada a presente sessão.